



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E INFÂNCIA:
UMA LEITURA PSICODRAMÁTICA**

Camila Álicy Fortes Camacho

Brasília-DF

2018

Camila Álicy Fortes Camacho

**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E INFÂNCIA:
UMA LEITURA PSICODRAMÁTICA**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do diploma de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação do Professor Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha.

Brasília-DF

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

Trabalho final de curso de autoria de Camila Álicy Fortes Camacho, intitulado **“CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E INFÂNCIA: UMA LEITURA PSICODRAMÁTICA”**, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia da Universidade de Brasília, à banca examinadora abaixo assinalada:

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha – Orientador
Faculdade de Educação - UnB

Prof. Ana Catarina Franco Dantas de Oliveira
Secretaria do Estado de Educação do DF. (SEEDF)

Prof. Mestre Valdeci Moreira de Souza
Secretaria do Estado de Educação do DF. (SEEDF)

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, e agradeço por sempre estar comigo mediante à qualquer dificuldade. A minha família por todo o apoio e ombro amigo que foi de suma importância para chegar onde estou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser essencial em toda minha existência e por me dar energia e força para concluir cada etapa da minha vida e por todas as conquistas obtidas. Obrigada Deus, por este momento grandioso. A Ti, Senhor dedico mais essa etapa de minha vida, confiando que continuarás a conduzir todos os meus passos.

Chegar até aqui não foi nada fácil se hoje comemoramos uma conquista, esta se deve aqueles que estiveram ao meu lado em todos os momentos. Pai, mãe, avós, irmãos, amigos... Todos foram fundamentais nesses quatro anos. Ajudaram-me, resistiram a falta de tempo e atenção, superaram comigo os problemas, projetos, trabalhos e sonhos. Ampararam-me e comemoraram comigo cada conquista. Choraram, riram, estiveram sempre presentes. E, com um sorriso, um abraço ou um carinho, me fizeram acreditar que vale a pena continuar!

Aos meus colegas de graduação que conquistei durante esta jornada e que me ajudaram em muitos momentos durante a formação acadêmica. Em especial, a Thaís Mascarenhas e Mayara Alves que estiveram me acompanhando desde o primeiro semestre.

A minha amiga, Gabriela Rezende por todo apoio e incentivo.

Agradeço imensamente a professora Ana Catarina, que acompanhei na Escola Parque da 308 Sul para a construção deste TCC, que desde o primeiro dia me ajudou e me acrescentou bastante quanto à minha formação profissional. Muito obrigada, Ana Catarina! Que eu seja uma profissional tão amável e tão engajada para transmitir conhecimentos quanto ela.

Ao professor doutor Paulo Sérgio de Andrade Bareicha por ser meu orientador e por ter me ajudado para a conclusão deste trabalho final de curso.

Infelizmente alguns se foram, e aprendemos a dizer adeus sem retirá-los de nossos corações, (*in memoriam* aos meus avós paternos), que apesar de não estarem presentes neste momento, essa conquista também é deles.

Essa vitória também é de vocês. Obrigada!

RESUMO

A construção da identidade é aprendizado que ocorre desde a infância. O objetivo deste trabalho foi, a partir de estratégias vivenciais, analisar e discutir como a criança atribui a si elementos identitários. Foi utilizada a teoria da Matriz de Identidade de Jacob Levy Moreno e sua extensão, como proposta por José Fonseca Filho. Segundo a teoria, há fases do desenvolvimento da identidade, variando desde o caótico indiferenciado, passando pela diferenciação e indo até a inversão de papéis. Foram utilizadas vivências nas quais as crianças, de cinco e seis anos, experimentaram aspectos da construção de papéis. Elas deviam reconhecer o papel, diferencia-lo de outros papéis e jogar com o papel. Ao final, reconheciam-se em alguns papéis como o de filho, de estudante e verbalizaram “quem eu sou”. Entretanto, não conseguiram diferenciar porque as rotinas dos pais e dos professores eram ou deveriam ser diferentes da sua. Foram observados dois princípios com propostos por Moreno: o primeiro, de que “o eu emerge do desempenho de papéis”; e o segundo de que entre a indiferenciação e a diferenciação do papel, há dúvidas em relação a quem sou e quem é o outro. A leitura psicodramática permitiu o diagnóstico da fase da matriz em que se encontravam. Estudos futuros, com alunos da mesma idade, podem introduzir a dramatização dos papéis a fim de se experimentar vivencialmente o que se verbalizou como dificuldade. O role playing pode servir como importante ferramenta na construção dos papéis desde a infância.

Palavras chaves: psicodrama, matriz de identidade e reconhecimento do Eu.

ABSTRACT

The construction of identity is learning that occurs from childhood. The objective of this work was, based on experiential strategies, to analyze and discuss how the child attributes identity elements to himself. Jacob Levy Moreno's Matrix of Identity theory and its extension, as proposed by José Fonseca Filho, were used. According to the theory, there are phases of identity development, ranging from undifferentiated chaotic, to differentiation, to role reversal. Experiences were used in which children, five and six years old, experienced aspects of role building. They should recognize the role, differentiate it from other roles and play with the role. In the end, they recognized themselves in some roles like the one of son, of student and verbalized "who I am". However, they could not differentiate because the routines of parents and teachers were or should be different from yours. Two principles were observed with Moreno's proposals: the first, that "I emerges from role performance"; and the second that between the indifferentiation and the differentiation of the role, there is doubt as to who I am and who the other is. The psychodramatic reading allowed the diagnosis of the phase of the matrix in which they were. Future studies with pupils of the same age can introduce role-play in order to experience experientially what has been verbalized as difficulty. Role playing can serve as an important tool in the construction of roles from childhood.

Keywords: psychodrama, matrix of identity and recognition of the self.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	4
AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
LISTA DE APÊNDICES	9
LISTA DE FIGURAS	9
LISTA DE TABELAS	9
I - MEMORIAL EDUCATIVO.....	10
II - REFERENCIAL TEÓRICO	19
1. MORENO E A MATRIZ DA IDENTIDADE	19
2. O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO EU	25
3. A EXISTÊNCIA DE MAIS DE UMA MATRIZ SEGUNDO MORENO	27
4. REVISÃO DA TEORIA SOBRE MATRIZ DE IDENTIDADE MORENIANA SEGUNDO FONSECA FILHO	29
III. O CAMINHO METODOLÓGICO.....	32
IV. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS EM SALA DE AULA	35
REFERÊNCIAS.....	46

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Matriz de Identidade Total Indiferenciada e Diferenciada	22
Figura 2 – Matriz da brecha entre a fantasia e a realidade	23

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fases da Matriz de Identidade, segundo Fonseca Filho.....	31
--	----

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1: Livro: Somos um do outro. (Todd Par)	47
Apêndice 2: Livro: O livro da família. (Todd Par)	48
Apêndice 3: Livro: O livro dos sentimentos (Todd Par)	49
Apêndice 4: Autorretrato formato figuras	50
Apêndice 5: Confecção de Documento de Identidade	51

I - MEMORIAL EDUCATIVO

Me chamo Camila Álicy Fortes Camacho, tenho 21 anos, nasci na cidade de Anápolis-GO. Atualmente moro com meus avós aqui em Brasília-DF pois meus pais decidiram se mudar para Alexânia-GO em 2016 aonde tranquei um semestre na faculdade para ficar com eles e depois retomei os meus estudos voltando a morar em Brasília. Desde o meu nascimento fui agraciada com uma parceira, pois sou gêmea e por conta disso nunca estive só nas minhas novas rotinas durante a vida escolar. Além dela tenho um irmão que é o mais velho. Nasci em Anápolis-GO, cidade na qual meu pai nasceu e cresceu e minha mãe é nordestina, nascida em Teresina- PI.

Quanto à escolarização dos meus pais, meu pai conseguiu estudar até o 3º ano do ensino fundamental visto que, morava em fazenda com meus avós e o acesso à educação era mais difícil. Minha mãe concluiu o ensino médio, é formada em direito e concursada. Minha mãe sempre foi o meu maior incentivo quanto à questões da escola, muitas vezes durante a minha trajetória escolar senti dificuldades e ela prontamente me ensinava o conteúdo.

Pensando no nosso melhor, minha mãe que sempre gostou de estudar, se encarregava dos nossos estudos. Me lembro no meu primeiro dia de aula no colégio Santo Antônio, eu e minha irmã de mãos dadas em uma fila, e o meu irmão atrás cuidando de nós, e assim ele fazia todos os dias durante alguns meses.

Quando iniciei os meus estudos, já sabia reconhecer todas as letras e escrever o meu nome, pois minha mãe nos ensinava. Nessa época em que estudei no colégio Santo Antônio meu pai era corretor de fazendas e por muitas vezes íamos para a

escola a pé pois ele estava em viagem e não tinha ninguém para nos levar; e minha mãe sempre conosco, nos levava e buscava.

Não cursei a Educação Infantil, comecei a escolarização no 1º ano do Ensino Fundamental aonde estudei no mesmo colégio até o 4º ano (antiga terceira série). Sempre gostei muito de ir para a escola. Estudava à tarde. Quando chegava em casa lanchava e ia estudar mais ou menos uma 1 hora por dia, que era o que minha mãe pedia para fazermos; e quando isso não acontecia, ela nos ajudava. No 1º ano como era tudo muito novo, eu me esforçava muito nos estudos. Me lembro até hoje que minha professora se chamava Regina e era muito atenciosa com todos os alunos. Quando chegou o período de férias eu adorei a primeira semana pois, viemos passar uma semana em Brasília onde nos divertíamos muito. Íamos para a casa dos nossos tios e avós e a diversão era garantida. Já na segunda semana eu estava louca para voltar às aulas.

Não tenho muitas recordações do meu 2º ano, contudo me lembro do fato de não ter gostado na mudança de professor. Meu pensamento era que deveríamos ter a mesma professora, porém, quanto à aprendizagem eu não tive nenhuma dificuldade

Durante o 3º e 4º anos também consegui levar os estudos tranquilamente. Lembro que minha brincadeira preferida era escolinha. Muitas vezes brincava até sozinha, pegava o meu caderno e fingia ser a professora. No final do 4º ano eu e minha irmã começamos a estudar para fazer a prova do colégio da polícia militar do Goiás. Nessa época íamos para o trabalho da minha mãe e estudávamos por lá.

Em 2007, fomos para o colégio militar, começamos lá no 6º ano. Era uma escola completamente diferente, muito rígida, mas foi a melhor época da minha trajetória

escolar. Achei o 6º ano difícil, talvez pelo fato de ter 12 matérias (português, álgebra, geometria, ciências, geografia, história, artes, inglês, espanhol, ensino religioso, educação física e noções de cidadania), mas consegui ir para o 7º ano, que foi um dos anos que achei mais tranquilo. Nessa época que fomos para o colégio militar, minha mãe estudava conosco todos os dias, chegávamos da escola e quando era por volta de 19 horas íamos para a área de casa aonde ela tinha colocado um quadro negro e nos ajudava nos estudos.

O 8º ano para mim foi o mais difícil. Foi o ano em que meu pai decidiu que iríamos nos mudar no ano seguinte para Brasília. Sofri muito pois não queria sair da escola que eu mais gostava, deixar os meus amigos e minha avó, foi a primeira vez que fiquei de recuperação no final do ano.

No 9º ano começamos à estudar no GAN, que fica na Asa Norte. Achei um ano muito tranquilo mesmo não gostando da nova rotina, tínhamos que ir para a Escola Parque da 304 Norte duas vezes na semana (terça-feira e quinta-feira), no final do ano tive a formatura do Ensino Fundamental mas nem estava animada pois queria estar me formando lá no colégio militar junto com meus amigos.

Para ir para o 1º ano do Ensino Médio, o colégio me encaminhou para o CEAN que também fica na Asa Norte, foi um ano muito difícil, cheguei até a reprovar. Como já estávamos morando em Planaltina-DF, fomos para o colégio de lá, estudei em um colégio chamado Centro Olímpico de Ensino no 1º ano do Ensino Médio e, a partir do 2º ano do Ensino Médio fui para o Centro de Ensino Médio 02 de Planaltina.

Durante todo o meu Ensino Médio eu tinha dúvida em relação ao curso que gostaria de fazer. Pensei em biologia, pelo fato de ser uma das minhas matérias preferidas durante

o ensino médio, depois fiquei pensando em fazer o curso de odontologia. Porém, no dia de fazer minha inscrição eu coloquei pedagogia pelo fato de gostar de colocar em prática os meus aprendizados e, além disso, poder ensinar.

Não vou dizer que fiz o vestibular com a certeza de que iria passar, muito pelo contrário, fiz achando que seria apenas uma experiência para fazer no próximo ano, visto que eu ainda estava cursando o 3º ano do Ensino Médio. Lembro que no dia do vestibular eu não queria de forma alguma ir fazer a prova pois estava tendo a chegada da folia em Planaltina-DF, e por eu ser apaixonada por cavalos não queria perder esse momento, mas minha mãe insistiu tanto que acabei indo fazer a prova.

Nunca tinha ido à UnB, mas o meu local para fazer o vestibular foi na Faculdade de Direito. Apenas no dia da prova é que eu fui ver o tamanho da Universidade de Brasília. Foi um grande incentivo para mim pois, como era tudo muito novo, fiquei encantada e achei um lugar lindo, uma Universidade enorme. Porém, mesmo no dia de fazer minha matrícula eu fiquei perdida sem saber aonde iria pelo fato da UnB ser muito grande, e, para falar a verdade, estou terminando o curso e ainda não conheci todos os lugares que existem na Universidade.

Passei no vestibular da UnB para o curso de pedagogia no 2º semestre do ano de 2014 e ainda estava no 3º ano do ensino médio. Por esse motivo, tive que fazer uma prova na escola onde eu teria que acertar 80% dela para que o colégio me desse a conclusão do Ensino Médio e assim, eu pudesse ingressar na Universidade. Foram dias cansativos, pois como foi na metade do 3º ano, houve um processo complexo com provas, pedido na justiça e demais ações. Mas eu estava tão feliz que valeu a pena toda a correria para poder conseguir.

No primeiro semestre eu fiquei um pouco deslocada pelo fato da UnB ser imensa e não saber chegar nos locais, mas depois de algumas semanas já estava me adaptando quanto a isso. Como era tudo muito novo e diferente, achava o máximo poder sair da sala durante a aula para poder ir beber água ou ir ao banheiro, poder entrar na sala comendo e o professor não brigar, provavelmente achava isso diferente pois na escola essas coisas não poderiam acontecer de forma alguma.

Mesmo gostando muito do curso e das matérias que estava pegando ao longo dos semestres, sentia muita falta da prática, na teoria era tudo muito bonito, mas, queria vivenciar a prática, saber como seria minha reação dentro de uma sala de aula, como me portaria e se realmente era isso que queria para o meu futuro. Talvez seria até um grande ponto para querer vivenciar a prática, o fato de ter medo de que quando chegasse “na prática” não me sentisse motivada e interessada. Uma das coisas que sempre achei muito interessante e que acrescentou muito quanto à nossa formação é a oportunidade de podermos pegar disciplinas com estudantes de diferentes cursos e até mesmo a liberdade de pegar matérias que não fossem do nosso curso como módulo livre, podendo assim abrir nossa mente e aprofundar nosso conhecimento além de apenas pegar as matérias do curso de pedagogia.

No curso de Pedagogia, além de fazer as matérias obrigatórias e optativas, todo semestre tem um “projeto”. Gostei do Projeto 1 com a professora Sônia Marise onde conhecemos a história da FE, conhecemos um pouco mais sobre a UnB e seus espaços e fizemos um *tour* pela UnB. No Projeto 2 estudei com o professor Renato Hilário, onde aprendemos sobre as diferentes áreas que um pedagogo poderia atuar (pedagogia hospitalar, empresarial, dentre outras áreas) foi um semestre de bastante

aprendizado, amava as aulas do professor Renato e me encantava ainda mais a didática dele. Posso dizer até que foi uma das matérias que mais me encantei e que mais me identifiquei com o curso de pedagogia.

A partir do Projeto 3 foi que minha indecisão começou, pois sempre me diziam que o melhor a se fazer era pegar projetos com temas que queríamos para o TCC e até o momento eu não sabia qual seria o meu. Peguei a matéria de Pesquisa em Educação 1 com a professora Cátia Piccolo e tive muita dificuldade no começo, mas foi uma matéria que aprendi bastante e que me deixou até indecisa sobre qual tema queria para o trabalho de conclusão de curso. Sempre pensei em algo relacionado à educação infantil mas durante a disciplina dela, tínhamos que fazer um trabalho já pensando em um tema que nos interessasse e eu fiz sobre o ensino e a aprendizagem de alunos com transtornos de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), mas sempre me sentia incomodada em fazer algo relacionado à educação infantil.

No meio do curso, meus pais decidiram se mudar para outra cidade, e foi um tempo que eu estava muito em dúvida sobre o que realmente queria. Aproveitei que meus pais estavam se mudando e fiquei um semestre afastada, para refletir se era o que eu realmente queria. Decidi voltar para Brasília e dar continuidade ao curso e procurei uma escola para que eu pudesse fazer um estágio e vivenciar a prática. Foi quando fiz o processo seletivo no colégio Marista João Paulo II. Durante uma das entrevistas um dos coordenadores que trabalhava na instituição me perguntou em qual segmento eu teria mais interesse foi quando eu respondi prontamente que me interessava bastante a educação infantil.

Posso dizer que trabalhar no Marista está sendo uma das melhores experiências em minha vida, me apaixono cada dia mais pela educação infantil e sinto que era essa vivência que estava faltando para que eu pudesse perceber que era o curso de pedagogia que eu sempre quis para mim. São dias cansativos, conciliar os estudos com trabalho não é fácil, ainda mais pelo fato da UnB não ter grade formada, temos que pegar matérias até fora do nosso turno para conseguir formar.

No Projeto 4.1 é que começa a parte dos estágios obrigatórios. Eu estava muito indecisa com qual professor fazer por conta das diferentes temáticas que são abordadas por cada um deles. Fiquei sabendo por uma amiga que o professor Erlando Rêses iria iniciar um projeto no Pedregal com crianças e o intuito era o incentivo à leitura e logo de cara eu me interessei bastante. Já havia pego uma matéria com o Erlando, Orientação Vocacional Profissional e tinha gostado bastante da didática dele. Uma única coisa que me desanimava era o fato do Projeto ser aos sábados e a localidade ser tão longe, mas valeu a pena fazer esse Projeto. Era gratificante ver o sorriso de cada criança. A melhor parte do Projeto foi quando levamos as crianças para conhecer a Livraria Cultura no Casa Park. Muitos deles nunca tinham tido a oportunidade de conhecer uma livraria e estava sendo a primeira vez.

Durante essa vivência com o Marista e o Projeto 4.1, fui tomando gosto também pela alfabetização, por conta disso pensei em fazer o meu TCC, confesso que estou um pouco tensa com esse trabalho de conclusão de curso mas espero que seja uma experiência de bastante aprendizado e crescimento.

Pelo fato de me encantar cada dia mais com o processo de aprendizagem de cada criança, farei o meu Trabalho de Conclusão de Curso abordando a questão da Construção da Identidade com crianças de cinco e seis anos de idade.

Desde que entrei no curso de Pedagogia na UnB, o meu maior receio era de ir estagiar em uma escola e me encantar pelo ambiente escolar visto que, existem tantas outras áreas em que o pedagogo pode atuar. Portanto, comecei a estagiar em uma escola privada e já estou na mesma há quase 2 anos e posso dizer que a cada dia mais eu me encanto e me identifico pelo o fato de estar dentro de uma sala de aula.

Essa minha vontade de estar em sala de aula é inteiramente pelo o desejo de ser uma professora que irá fazer o diferencial na vida de cada criança, pois, nessa minha jornada de estágios e experiências em sala de aula tive muitos incentivos e pude conviver com professores que realmente estavam ali para fazer a diferença. Um desses exemplos é a professora da Escola Parque da 308 sul no qual acompanhei suas aulas para a construção deste trabalho e posso afirmar que ela é uma professora encantadora, se preocupa com o desenvolvimento de cada criança e tenta de todas as formas fazer a diferença na vida de cada um, e é assim que eu busco ser a cada dia.

Futuramente pretendo estar trabalhando na Secretaria de Educação como professora da educação infantil ou do 1º ano do Ensino Fundamental pelo o fato de serem idades no qual eu mais me identifico, quero fazer cada aluno se identificar como um ser único, capaz de conquistar todos os seus desejos e objetivos e fazer reconhece-los e se aceitar, e acima de tudo ensinar a importância de respeitar o próximo.

O início deste Projeto para a construção da identidade ocorreu no mês de abril e encerrará no final do mês de junho, com o objetivo de proporcionar as crianças, a construção da identidade, identificando os seus gostos e preferências; aprender o que é uma árvore genealógica; conhecer o significado do seu nome e por fim, obter o reconhecimento de que são seres únicos, onde cada um possui sua identidade.

Por conta de fazer estágio em uma escola particular e ter esse tema muito comum no meu dia a dia e por ter certo interesse, aproveitei para aprofundar no assunto, visto que na Escola Parque também estava sendo trabalhada a construção da identidade.

Todavia, o autoconhecimento não é adquirido apenas na infância e sim, ao decorrer de toda nossa vida, onde somos influenciados diariamente por nossas culturas, crenças e principalmente pelas pessoas nas quais convivemos.

Pelo fato da escola proporcionar a socialização das crianças, ela passa a ter um grande significado para a construção da identidade, visto que há crianças de diferentes crenças, raças, costumes e gostos, e cada um aprende a respeitar a diferença do outro.

I - REFERENCIAL TEÓRICO

1. MORENO E A MATRIZ DE IDENTIDADE

Jacob Levy Moreno o criador do psicodrama define que a matriz da identidade fornece à criança as condições para seu desenvolvimento físico, social e psicológico durante seus primeiros anos de vida. É através da matriz da identidade que se é construído a base do primeiro processo de aprendizagem emocional da criança.

A criança desperta a curiosidade em saber quem é, o que está fazendo nesse mundo e onde ela está. Um elemento primordial para a construção da identidade é a memória, um indivíduo sem memória, sem história é incapaz de voar com suas próprias asas. Moreno (1975) conceitua o conceito de identidade como vinculado à fase mais precoce da criança e que a acompanha em seu crescimento, desenvolvimento, amadurecimento, até chegar ao convívio social adulto. A construção da identidade surge no momento que a criança se descobre (EU), descobre o outro (TU) e o coletivo (NÓS). A criança descobre primeiramente quem realmente ela é e só depois irá descobrir os papéis dos outros indivíduos que estão ao seu redor.

As questões sociais são carregadas junto com estes papéis que envolvem as regras sociais, as características e a caracterização própria da cultura no qual o indivíduo se desenvolve. Considera-se por Moreno, que o homem se encontra dividido entre a dimensão social dos papéis no qual ele desempenha no cotidiano e os seus desejos enquanto pessoa privada.

O papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos. (MORENO, 1975, p. 27).

Para Moreno, a matriz de identidade é o local onde a criança se insere desde o nascimento, lugar onde é provável encontrar as raízes do sujeito. A criança não vive só, a partir de sua descoberta e com o seu nascimento relaciona-se com pessoas e objetos inseridos em seu meio. As relações, interações e descobertas são estabelecidas na matriz de identidade. O primeiro universo da criança se encontra na matriz de identidade, um universo que circula desde o nascimento onde proporciona a criança “segurança, orientação e guia”. (MORENO, 1975, p.114). É nesse Primeiro Universo que a criança desenvolve seus alicerces para o processo emocional, onde cada criança tem seu tempo e desenvolvimento. O Primeiro Universo se encerra quando a vivência infantil de um mundo real vai dando espaço a um mundo de realidade e fantasia, onde se inicia o Segundo Universo.

Esse Segundo Universo é o momento em que “a personalidade passa a estar normalmente dividida” (MORENO, 1975, p. 123), gerando dois grupos de processos de aquecimento preparatório, onde a realidade e fantasia passam a se ordenar. É a partir do Segundo Universo que os indivíduos iniciam um desenvolvimento de dois tipos de papéis: o papel social (ligado a realidade) e o papel psicodramático (ligado a fantasia). Moreno destaca que a matriz da identidade é a placenta social da criança, pois estabelece a comunicação entre a criança e o universo social da mãe.

A matriz de identidade é dividida em três fases. A primeira fase é a Matriz de Identidade Total indiferenciada ou fase do duplo, onde a criança, após o nascimento acredita que a relação entre ela e a mãe é que sejam a mesma pessoa. Nessa primeira fase a criança ainda não executa as iniciativas de ação dependendo então, de uma outra pessoa para fazer as coisas para ele. Se o bebê tem fome, a mãe é quem

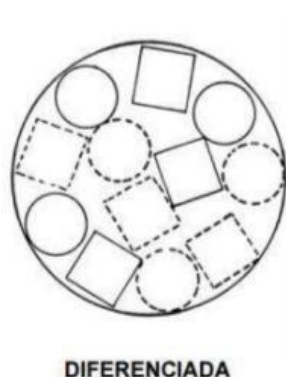
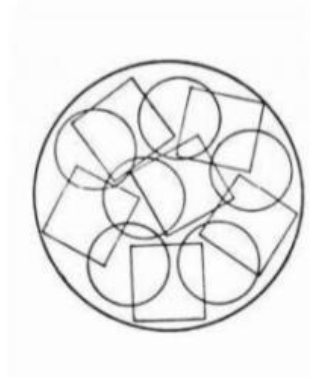
oferece o alimento, se o bebê defeca, a mãe é quem faz sua higienização. E por esse motivo, a criança acredita que a relação entre ele e sua mãe é de que são a mesma pessoa.

A segunda fase se caracteriza como a matriz de identidade total, diferenciada ou fase do espelho, se baseia na fase em que a criança percebe a relação de que ele e a mãe não são a mesma pessoa, que ambos são diferentes, a partir daí a criança começa a se identificar como sujeito.

A terceira fase se caracteriza como a inversão de papéis, onde a criança se identifica como sendo diferente de todos os outros sujeitos. A criança é capaz de se colocar no lugar do outro e dá espaço para que o outro se coloque também no lugar dele. É nessa terceira fase onde um faz o papel do outro, e em seguida ocorre a inversão dos papéis.

Figura 1- MATRIZ DE IDENTIDADE TOTAL INDIFERENCIADA E MATRIZ DE IDENTIDADE TOTAL DIFERENCIADA.

MATRIZ DE IDENTIDADE TOTAL

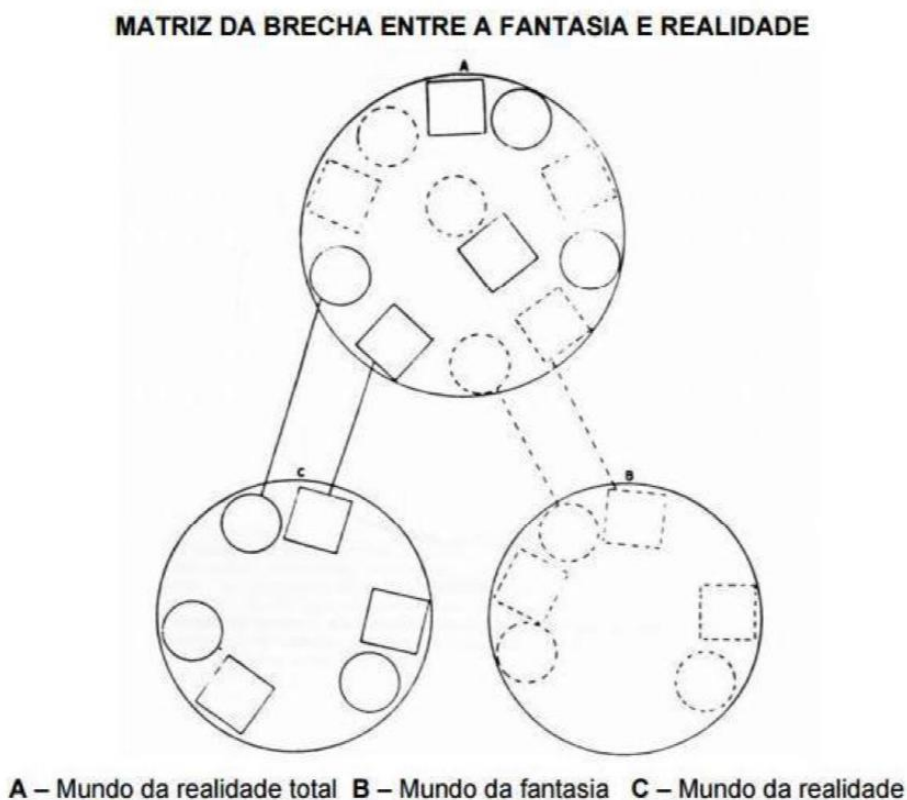


Fonte: Moreno, 1975.

Na matriz de identidade total indiferenciada, o círculo maior representa o mundo infantil, os círculos pequenos dentro do mundo infantil representam organismos vivos (pessoas e animais), os quadrados representam objetos (mamadeira, bico, alimentos, etc). Por esse fato, podemos observar que os círculos e quadrados representam a ideia de que os organismos vivos e objetos ainda não são observados como unidades separadas.

Na matriz de identidade total diferenciada, o círculo maior representa o mundo infantil, os círculos menores representam os indivíduos e os quadrados representam objetos. Na matriz de identidade total diferenciada como podemos observar, os quadrados e círculos já estão separados pois já são diferenciados como unidades que atuam separadamente. Porém, estão incluídos no círculo maior pois as crianças atribuí-lhes o mesmo grau de realidade. Os círculos que estão tracejados representam indivíduos imaginados, e os quadrados tracejados representam objetos imaginados.

FIGURA 2- Matriz da brecha entre a fantasia e a realidade



Fonte: Moreno, 1975.

O círculo maior (A) representa o mundo da realidade total diferenciada como descrito acima, e os círculos (B e C) representam o mundo da fantasia e o mundo da

realidade. É nesta fase que os dois círculos representam o processo real onde os processos de reprodução possam ser visualizados.

O percurso traçado pela experiência da criança pode percorrer juntamente ao percurso do sujeito totalmente espontâneo do palco psicodramático. Moreno relata algumas observações que norteiam nossos pensamentos em relação a essa tremenda espontaneidade da criança. Considera-se que o sujeito é portador de um aquecimento preparatório de seus atos espontâneos, com um grau de intensidade no qual todas as partículas do seu ser participam no processo, cujo menor fragmento não pode ser desviado para devidos fins de registro.

Não é permitida por parte da criança que qualquer parte do seu ser funcione em alguma referência, com exceção a situação imediata. Essa assimilação de forma integrada da criança no ato para o qual se está aquecendo é a razão fundamental de duas dimensões do tempo, que são caracterizadas como a dimensão do passado e a do futuro, no qual não estão desenvolvidas. A criança é espontânea e age de acordo com o momento evitando com isso, reações de mentiras. Moreno (1975) relata que, é no passado que armazenamos as nossas recordações e é no futuro que pode lucrar com o seu registro.

A capacidade de memória da criança aumenta ao passar dos anos, porém, dependerá da capacidade de absorção da mesma. Nos três primeiros anos de vida da criança, há uma característica significativa que se identifica como a amnésia, no qual a criança se esquece facilmente das coisas, sua capacidade de recordação é em curta duração.

Podemos usar de exemplo o fato de uma criança estar convivendo diariamente com seus pais e vê os avós em um período mais prolongado. Como a convivência com os pais é constante, a criança não irá estranhar os seus pais, porém, já com os avós que a criança vê em períodos prolongados haverá uma estranheza visto que, a lembrança deles já foi apagada.

Outro ponto bastante interessante também é o fato de que poderá acontecer caso os pais mudem algo no visual fazendo com que a criança estranhe e será apenas aos poucos que ela vai se acostumando com esse novo visual.

A criança pequena aprende através da iniciativa espontânea para apanhar as coisas de que necessita. Sua aprendizagem está intimamente vinculada aos atos, e seus atos baseiam-se em necessidades. Assim, até uma certa idade, todos os conhecimentos da criança são espontaneamente adquiridos e aprendidos. (MORENO, 1975, p.192)

Um exemplo que pode ser utilizado é quando a criança inicia o processo de identificação das cores. De tanto repetir esse procedimento com incentivo, em uma determinada ocasião ela conseguirá identificar cada cor na sua forma pertencente. Conseguirá devido um ato espontâneo que a criança adquire.

2. O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO “EU”

É através da interação contínua entre os papéis e a sua integração com os vínculos operacionais que serão proporcionados a emergência de um eu inteiro que se integrará em “eu e mim”.

O processo de desenvolvimento do “eu” é dado individualmente, visto que não é possível os papéis serem desempenhados sem seus contra papéis, assim sendo, os

papéis complementares são fundamentais no que diz respeito à constituição da identidade humana. Porém, essa constituição não garante a permanência da identidade pelo o fato das pessoas desenvolverem variados papéis e contra papéis que ficam em constante interação, proporcionando em último caso, momentos de identidade.

Essa contínua aprendizagem de novos papéis acontecem por conta do convívio contínuo entre o eu e suas circunstâncias, passando por um procedimento que afeta desde o ensaio de um novo papel, seu desempenho e a compreensão que se tem dele até a representação propriamente dita. Há três etapas no psicodrama que são nomeadas de: *role-taking* (papel de tomada), *role-playing* (interpretação de papéis), *role-creating* (criação de papéis), ocorrem para a maioria dos novos papéis. Para os demais que não incidem pelas três etapas, é considerado que há uma atuação de papel e não uma representação verdadeira.

Essa atuação de papel é dada pela ausência de espontaneidade criadora, ou simplesmente pelo o fato do indivíduo estar em um “campo tenso” isso quer dizer que, o indivíduo possa estar vivenciando uma situação constrangedora, ameaçadora, desafiadora ou até mesmo por conta da sua espontaneidade estar em uma posição patológica, desviando suas percepções, desligando a representação dos papéis e contra papéis e acarretando em um prejuízo quanto à integração do eu.

Moreno considera que a criança é um “gênio em potencial”, que ao nascer é um bebê sem algum preparo para o mundo externo e por esse fato, há uma necessidade em ser ajudado, visto que o bebê sai de um mundo parasitário e começa então, a se socializar em um mundo de iniciativas que solicita de início a primeira ação de

espontaneidade criadora. Moreno aborda também a questão do parto não ser um fato traumático como dizem alguns psicólogos, mas sim uma ação espontânea, realizado para que o bebê saia de uma realidade que não te atende mais as necessidades desse ser que está nascendo.

Para Moreno, identidade e personalidade são diferentes portanto, a identidade é que será o alvo maior de sua atenção. Ele fala que “a personalidade pode ser definida como uma função de genes, espontaneidade, tele e meio” (MORENO, 1984, p.102).

Na visão de Moreno, a identidade é construída através de um processo de desenvolvimento evolutivo, que tem sua formação na matriz de identidade. Essa definição de “matriz” é um dos suportes na obra de Moreno. Com essa definição acerca da matriz de identidade, Moreno quer propor a ideia de que há um mundo instituidor de inter-relações que dá início às qualidades humanas. Não é apenas uma espécie de modelagem mas, um espaço onde há uma probabilidade de visão existencial.

3. A EXISTÊNCIA DE MAIS DE UMA MATRIZ SEGUNDO MORENO

A partir desses conceitos de matriz de identidade, Moreno estabelece um processo evolutivo humano onde ele vai abordar a existência de mais de uma matriz, que são: matriz materna, matriz de identidade, matriz familiar, matriz social, e a matriz sociométrica, que não são substituídas durante o processo de desenvolvimento humano, mas sim, vão somando e se relacionando uma às outras, fazendo com que, não se desapareçam. Esse processo de evolução é admissível através da representação dos papéis. Dessa forma, os papéis são distinguidos pelos vínculos presentes em todas as matrizes humanas.

Moreno defende que, após o bebê nascer, ele passa da matriz materna onde ele explica que a matriz materna é uma matriz existencial e não experimentada e passa para a matriz de identidade no qual, se complementa em duas fases. Na primeira fase, apontada como primeiro universo, onde através da influência mútua é desenvolvido os papéis psicossomáticos, existem dois tempos: o período da identidade total, quando a matriz é instituída confusa e indiferenciada, onde não é atingido nenhum tipo de distinção entre o ser e o mundo, onde só existe o presente, a proximidade e a “fome de atos”, e onde não existe nenhum sonho e, nem mesmo distinção entre fantasia e realidade.

No segundo tempo desse primeiro universo, a matriz é instituída de identidade total e diferenciada, ou de realidade total. Nesse segundo tempo, já é iniciado os sonhos e as primeiras distinções entre o ser e o mundo (relação do eu e tu) e já se torna presente a tele sensibilidade, momento em que a criança se reconhece e distingue a fantasia da realidade.

Com a matriz familiar, ou segundo universo, se designa a fase no qual a criança usa o conhecimento de estabelecer diferenças para que alcance a inversão de papéis. Nesse segundo universo, os papéis psicossomáticos dão conservação aos papéis originários (pai-mãe-filho), que serão decompostos em papéis sociais, pautados aos atos de realidade e papéis psicodramáticos, pautados aos atos de fantasia visto que, partindo das diferenciações entre o eu e o tu, a criança vai criando uma possibilidade de reconhecer suas necessidades e os papéis complementários com os quais irá socializar, no intuito de satisfazê-las. Existindo uma diminuição da “fome de atos” e iniciando a “fome de transformação”.

4. REVISÃO DA TEORIA SOBRE MATRIZ DE IDENTIDADE MORENIANA SEGUNDO FONSECA FILHO.

Existe outro psicodramatista, de suma importância no movimento psicodramático de hoje, Fonseca Filho. O mesmo realizou uma revisão da teoria sobre matriz de identidade moreniana e acrescentou descritivamente novas fases entre as anteriores. Idealizou e sistematizou o desenvolvimento da matriz de identidade em sete etapas e acrescentou a essa teoria que o desenvolvimento da matriz de identidade grupal também segue esse mesmo processo evolutivo (FONSECA FILHO, 1980).

No que tange ao conceito de grupo, pode-se perceber que essas designações têm sua investigação iniciada, após a primeira guerra mundial, principalmente com Kurt Lewin, com seus fundamentos sobre Dinâmica de Grupo. Moreno também começou a interessar-se pelo assunto na mesma época e elaborou os fundamentos da Sociometria, onde pode conceituar o grupo como uma área de integração de um certo número de pessoas, que através de seus vínculos interrelacionados estruturam-se e organizam-se em função de seus propósitos sociais e afetivos.

De acordo com Moreno, esse estado de grupo conserva uma “*interpsique*”, que engloba suas tele-relações e seus estados co-conscientes e co-insconscientes: “ Os estados co-conscientes e co-inconscientes são, por definição, aqueles que os participantes experimentaram e produziram conjuntamente e que, por conseguinte, só podem ser reproduzidos ou representados em conjunto.” (MORENO, 1975, p. 31).

Segundo Fonseca Filho (1980), as etapas de desenvolvimento da matriz de identidade podem ser definidas por: 1. indiferenciação; 2. Simbiose; 3. Reconhecimento do eu e reconhecimento do tu; 4. Corredor; 5. Pré-inversão de papel; 6. Triangulação/circularização; 7. Inversão de papéis.

O mesmo ocorre nas relações grupais, como em sala de aula. Alicerçado a partir da etapa de indiferenciação, todo grupo inicia seu desenvolvimento; onde os participantes estão apenas se aquecendo para os atos espontâneos, carecendo de técnicas de aquecimento físico para entrar em ação.

A simbiose intercorre com as partes psicológicas não desenvolvidas nos participantes do grupo, ocorre uma mistura entre o eu e o tu. Nessa etapa, o ego-auxiliar tem a função de guia para retratar papéis, a fim de tranquilizar a ansiedade; senão a dependência que há nesta etapa leva à consequência da idealização, com uma visão parcial de si e do outro, retrocedendo as pessoas a sentimentos radicais de “tudo ou nada”, “amor ou ódio”, “certo ou errado”, e assim por diante. (FONSECA FILHO, 1980).

Referente à etapa de reconhecimento do eu e do tu, corresponde a de mesmo nome na teoria de Moreno. Em consequência as etapas de evolução de relação somente em par (eu e tu) para, relações em três (eu-tu-ele) e com mais de três ao mesmo tempo (nós). Na Tabela 1 observamos descritivamente as fases da matriz de identidade, como propostas por Moreno, reorganizadas por Fonseca Filho.

Tabela 1 – Fases da Matriz de Identidade, segundo Fonseca Filho.

Fases da Matriz	Descrição
Indiferenciação	Nessa fase a criança acha que tudo que é seu, pertence também a sua mãe. A criança depende da mãe para tudo. Exemplo: Se a criança está com fome, ela chora e a mãe a alimenta, se está com sono ela chora e a mãe coloca para dormir, e assim ela depende da mãe para realizar suas atividades necessárias.
Simbiose	Nessa fase a criança começa a perceber a diferença entre o eu e o tu, mas não deixando de ter um forte vínculo com a mãe.
Reconhecimento do eu e do tu	Nessa fase a criança começa a se reconhecer e percebe que ela e sua mãe são pessoas diferentes, a criança já distingue suas sensações (dor, sono, fome, etc) e é também a fase em que a criança conversa consigo mesma.
Corredor	Nessa fase a criança já se diferenciou o eu do tu, e é aberto uma brecha entre a fantasia e a realidade.
Pré-inversão de papéis	A criança entende que há outros papéis mas não consegue diferenciá-los.
Triangulação	A criança percebe que há uma terceira pessoa na relação mãe é filho, momento de mostrar para a criança que ela não irá se machucar tendo relação em três.
Inversão de papéis	Fase em que a criança consegue assumir um outro papel mas ao fazê-lo utiliza como forma de experiência. Há mais independência e autonomia.

Fonte: Acervo da autora.

Em referência ao átomo social podemos identificar o entrelaçamento de vínculos pessoais, reais ou imaginários, percebido pelo indivíduo como mais próximo, ou seja, como afinidades onde existe reciprocidade entre pessoas e/ou coisas. Essas interrelações são variáveis, têm muitos níveis de preferências e, podem ter determinações sócio-econômicas e/ou aproximações afetivas (fator tele); ou melhor dito por Moreno : “ átomo social é a configuração social das relações interpessoais que se desenvolvem a partir do nascimento” (MORENO, 1975, p. 150).

III - O CAMINHO METODOLÓGICO

O que foi abordado neste trabalho foi a construção da identidade com crianças de cinco e seis anos de idade, foi escolhido a pesquisa qualitativa pois, meu interesse não foi em levantar dados numéricos e sim, descrever e analisar a questão da construção da identidade. Esse trabalho aborda uma pesquisa explicativa visto que, essa pesquisa tem como objetivo explicar o porquê das coisas, identificando os fatores que determinam para a ocorrência dos fenômenos.

3.1 Caracterização da Escola

A escola escolhida foi a Escola Parque da 308 sul, criada em 20/11/1960 com base no Anísio Teixeira visto que, para ele a escola teria que ser um espaço com educação acessível e democrática porém, sua proposta quanto à escola surgiu no estado da Bahia, em um bairro com habitantes de baixa renda no qual era oferecido a educação básica, artes e educação física. A proposta de Anísio Teixeira partia do pressuposto de “aprender fazendo”.

A partir do modelo de Escola Parque existente na Bahia, Anísio Teixeira faz a implementação em Brasília, no qual denominava como Centro Elementar de Educação uma estrutura que formaria a cidade e que, cada quadra seria composta por blocos residenciais, jardim de infância, escola classe e, para cada 04 quadras seria oferecido uma escola parque, com aulas nos dois turnos para que os alunos tivessem uma educação integral.

Um ponto muito importante é a identificação de ser uma escola inclusiva, atendendo crianças com diferentes deficiências. Quanto a estrutura física da escola, achei um espaço bem organizado e reformado. Possuindo biblioteca, salas ambientes, sala de teatro e audiovisual, sala de informática, é também um espaço com muitas árvores, quadras de esporte e piscina. É uma escola com um espaço grande contendo também, cantina, secretaria, sala de direção, sala dos professores, sala de apoio, almoxarifado, uma sala para guardar os materiais de Educação Física, sala de recursos, banheiros, vestiários, dentre outros espaços existentes.

3.2 Descrição da Turma

A turma escolhida foi uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, que possui 16 alunos na faixa etária de 6/7 anos, e acompanhei a turma na matéria de Artes que era ministrada pela professora A.C.

As crianças eram bem caprichosas quanto a execução das atividades, porém, estavam com uma certa dificuldade quanto ao respeito com o próximo, estavam tendo alguns momentos de agressões portanto, a professora fazia intervenções e nas rodinhas de início da aula conversava com as crianças sobre a importância do respeito com o próximo. E, no final dos 3 meses que fiquei na escola, pude perceber a melhora das crianças e principalmente no quesito do respeito. E isso tudo foi conquistado graças ao esforço da professora e do cuidado que ela demonstrava com as crianças.

3.3 Perfil da Professora

Como já dito, a professora era muito atenciosa e prestativa, fazia o máximo para obter um bom rendimento e desenvolvimento das crianças. Formada pela Universidade de Brasília no curso de Artes, cursando mestrado também pela UnB. Obtive um bom aprendizado através das observações e das realizações de atividades com a professora no qual, tinha um bom domínio, uma boa relação com os alunos e sua compreensão e paciência fazia o diferencial na turma.

TEMPO E INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Para a construção deste trabalho, realizei observação em sala de aula durante 8 meses em uma escola da rede privada, e por 4 meses na Escola Parque de 308 sul. Além dos registros em diário de campo, os instrumentos utilizados foram atividades em sala de aula no qual explorou-se aspectos da construção da identidade. Explicarei na próxima seção como foram compostas estas atividades.

IV – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS EM SALA DE AULA

Ao chegar na Escola Parque da 308 Sul, me deparei com um projeto onde eles trabalhariam a questão da identidade, e desde então, vinha refletindo e observando como é importante trabalhar sobre essa construção com as crianças pois, é um número pequeno de crianças que sabem o nome completo dos pais, cidade em que nasceu, número de telefone dos responsáveis ou até mesmo o endereço em que residem.

Muitas dessas crianças moram no entorno do DF e ao perguntar para elas onde morava a grande maioria responde “Em Brasília”, mas não sabem especificar em qual lugar do Distrito Federal.

Na primeira semana de observação com essa turma, gostei muito da atitude da professora diante de uma situação onde estavam surgindo muitos relatos de que, estava havendo um desentendimento entre as crianças onde elas tentavam resolver os problemas agredindo uns aos outros. E a professora Ana Catarina, ao perceber essas atitudes começou a fazer com esses alunos todo início de aula uma rodinha aonde todos contavam como foi o seu dia e como estava sendo a atitude de cada um.

Percebi ao passar das semanas que essa atitude dela mudou o comportamento das crianças e a forma com que elas lidavam para resolver os seus problemas. A parte que achei mais interessante foi de uma música que ela cantava com eles onde dizia sobre a questão do respeito com o outro, do cuidado, da afetividade e da amizade. E de certa forma, com essa dinâmica ela trabalhou a questão da identidade com eles no momento em que dizia sobre a importância de aceitar a diferença entre os colegas, ela dizia muito também que eles teriam que entender que não somos todos iguais e que

todos somos compostos de gostos e defeitos diferentes e que teria que existir esse respeito para haver uma relação boa entre a turma.

São crianças entre 6/7 anos de idade, onde estão em processo de alfabetização, nem todos sabem escrever os seus nomes, somente alguns já escrevem o nome dos pais. Pelo o que pude perceber, a escola tem um contato bom com os pais dos alunos e, isso importa muito quanto à construção da identidade das crianças.

A relação da professora também é de suma importância não só para a construção da identidade, mas também para o bom convívio da turma, e o que percebi foi uma ótima relação entre professor/aluno. Por ser professora de artes ela tem a facilidade de perceber no desenho dos alunos o que eles estão passando, como está a relação deles com os pais e isso eu achei muito incrível, pois, ela sempre mostrou importância quanto aos sentimentos dos seus alunos.

A Escola Parque da 308 Sul em seu geral é composta por docentes completamente dispostos em fazer a diferença na vida dessas crianças, pude perceber que as aulas em seu geral se compõem de uma didática muito boa e que as crianças iam para as aulas com vontade mesmo, sem aquela de ficar falando que alguma aula seria chata.

O que me fez achar incrível foi que, mesmo essas crianças passando cerca de 10h dentro do ambiente escolar, elas se empenhavam para dar o seu melhor e faziam com que a aula fluísse de uma maneira saudável.

Em uma escola privada na qual trabalho, houve uma atividade em que as crianças em uma conversa com os pais iriam descobrir o surgimento de seu nome, os pais iriam registrar em um papel e em um momento a professora iria ler para todos da

sala o significado de cada nome. Peguei uma atividade na qual abordava sobre a origem dos nomes na qual achei bastante interessantes. Relatarei agora alguns dos nomes no qual achei interessante o significado.

Rafael: “Tivemos nossa primeira filha que se chama Bianca, é uma menina bastante comunicativa, tranquila e criativa. Quando descobri a segunda gravidez, desde o primeiro momento desejei um menino e ele se chamaria Rafael, que foi um dos sete arcanjos. Rafael é uma criança completamente independente e isto está relacionado à origem do seu nome.”

Valentina: “ Eu e meu marido estávamos tentando há um tempo ter uma criança, mas eu sempre me imaginei sendo mãe de um menino. Ao descobrir que teria uma menina, fiquei por mais ou menos um mês preocupada pelo fato de não saber fazer penteados, de ter aquele estereótipo de que menina tem que usar rosa e brincar de boneca. Comecei a pesquisar sobre os significados dos nomes e decidi o nome da Valentina por ter como significado “valente, forte, vigorosa” dentre muitas outras características que se torna uma pessoa forte. E foi exatamente isso, Valentina é uma criança de personalidade forte, sabe exatamente o que quer.”

Edgar: “Meu nome é Edgar porque o papai e a mamãe sempre gostaram de nomes curtos e que fossem bem pronunciável em outras línguas! Mas o mais importante é que Edgar era o nome do meu vovô, pai do meu pai! Ele está com o papai do céu e não cheguei a conhecê-lo. Edgar tem origem germânica e significa “aquele que protege sua riqueza com a lança” ou “lança abençoada, afortunada, próspera”. A história indica que, antigamente, os nomes quando iniciados por “Ed” indicavam que a pessoa fazia parte da realeza. Por isso, pareço um príncipe.”

“Descobrimos a gravidez logo nas primeiras semanas. Na primeira ecografia, o médico deu 95% de chance de ser uma menina. Assim, quando fizemos a primeira ecografia morfológica, já tínhamos o nome. Só que o papai demorou muito a escolher. A mamãe queria o nome “Clarisse” e até já a tinha chamado algumas vezes por esse nome, até que o papai resolveu dizer que não gostava desse nome. Compramos um livro para auxiliar na escolha. Ficamos entre 5: Helena, Isabela, Beatriz (o preferido dos avós paternos), Luísa e Clarisse. Escolhemos Luísa. O significado do nome dela é “guerreira gloriosa, célebre nas batalhas”. Um nome forte e, ao mesmo tempo, doce. Que é justamente o jeitinho da Luísa. Uma menininha forte, cheia de personalidade e doce, muito doce, carinhosa, sem igual. Quando olhamos para o rostinho dela, vimos que tínhamos acertado o nome, tinha tudo a ver com ela. E nós queríamos o nome com “S”, e não com “Z”, para evidenciar ainda mais a doçura do nome. Assim, o papai e a mamãe conversavam muito com a Luísa quando ela ainda estava na barriga. Ela já atendia pelo nome...”

Visto que a copa do mundo se aproximava, algumas crianças tinham um álbum para colar figuras com cada jogador que participara da copa do mundo. Como essas crianças estavam muito engajadas em tal assunto, propus à professora Ana Catarina que fizéssemos uma atividade com eles no qual, desenhariam a si mesmo no formato da figura da copa do mundo, e assim foi feito. As crianças ficaram empolgadas com a atividade, desenharam da forma como se viam trabalhando diretamente com a formação da identidade.

Percebi durante os momentos de rodinha no início da aula que, de forma indireta a professora trabalhava a questão dos sentimentos com eles em todas as aulas, pois,

assim que a rodinha era feita, ela perguntava como cada um estava se sentindo e se teriam algo que quisessem contar para ela, é importante a expressão dos sentimentos para que as crianças possam reconhecer o que estão sentindo e poder aprender a lidar com seus sentimentos, podendo expressar da forma como se sentir melhor e também poder respeitar os sentimentos do próximo.

Em outra aula, foi abordada a questão do documento de identidade e assim, cada um confeccionou a sua, colocaram o nome dos pais, se desenharam no lugar da foto 3x4 e na aula seguinte, colocaram a digital na atividade do documento de identidade e abordamos o fato de que, cada um possuía sua digital diferente dos demais. As crianças eram sempre dispostas para realizar as atividades e sempre demonstravam interesse ao assunto fazendo assim, com que cada um se reconhecesse cada dia mais e aprofundavam na construção da identidade.

Visto que, faço estágio em uma escola privada e tenho a oportunidade de executar atividades com as crianças, decidi ler alguns livros para elas que trabalhassem a questão dos sentimentos e da diferença de cada criança. Escolhi alguns livros escritos por Todd Par (2003, 2009 e 2011), pelo o fato de sua trajetória. Todd Par teve que enfrentar diversos obstáculos pelo o fato de ser apaixonado por arte, relata que já chegou a desistir do seu sonho quando criança por conta de um professor e hoje, em seus livros, Todd aborda as questões como a vida da criança em família, o medo das crianças em se destacar em grupo, a relação com outras culturas e outros temas que as crianças tem dúvidas. Achei que ele aborde exatamente o que estou trabalhando e por isso decidi ler alguns livros dele para as crianças.

O primeiro livro que li para eles foi “O livro da família” que ele fala sobre a diferença de cada família, onde existem famílias que são grandes, e existem famílias que são pequenas, trabalha a relação da cor e diz que existem famílias que todos são da mesma cor mas em algumas famílias todos são de cores diferentes, aborda a relação da família que mora longe e da família que mora perto um dos outros, algumas famílias se parecem mas outras existem aqueles que não se parecem, trabalha com a questão do sentimento quando diz que todas as famílias se entristecem quando perdem alguém que amam, aborda a questão de famílias onde os pais são separados e da existência de madrasta ou padrasto, a questão da adoção também é abordado no livro, a relação de famílias com dois pais ou famílias com duas mães, ou até mesmo da família onde só tem o pai, ou da família onde só tem a mãe, na diferença dos gostos onde cada um pode gostar de algo diferente, e no final do livro ele ressalta que, há muitas formas diferenciadas de ser uma família.

Após ler esse livro da família, continuamos no momento da rodinha e as crianças foram falando sobre suas famílias e entendendo como a maioria das famílias é diferente, mas também que em alguns momentos elas são iguais. E que não há problema em ser diferente, o que importa é o amor e o cuidado no qual, todos temos com nossas famílias.

Nesse mesmo sentido abordando a relação da família, li o livro “somos um do outro” onde é trabalhado a questão do motivo de ser um do outro e o livro vai falando sobre a importância de termos uma família e de como eles estavam e sempre estarão prontos para nos ajudar e no quanto podemos crescer junto com nossas famílias.

Aborda a importância da nossa família para nos dar carinho quando estamos tristes, de que, podemos ter a família como nossos amigos.

Ao ler esse livro para as crianças eu fiquei lisonjeada com os comentários de todos e de ver a alegria de cada um ao falar de sua família, de falar no quanto brincavam e aprendiam juntamente com a família. E da quantidade de crianças que ao falar sobre sua família soltava um “o meu pai é o meu melhor amigo” ou “minha mãe é minha melhor amiga” e pude perceber como cada uma traz fortes características de sua família, tendo uma grande ajuda na construção da identidade de cada criança.

O que pude perceber claramente na prática sobre a Matriz de Identidade e brecha entre a fantasia e realidade (MORENO 1975, 1984; FONSECA FILHO, 1980) foi a relação no qual como as crianças fantasiavam certos momentos. Ao realizar uma atividade no qual elas se olhariam no espelho e se desenhariam, algumas crianças se colocaram dentro de um coração, um carro e uma flor. Ao questionar a essas crianças a finalidade do desenho, me disseram: “Essa sou eu e estou dentro do coração da mamãe”, “Eu me desenhei dirigindo um carro.”, “Estou dentro de uma flor porque adoro as flores.”, nesse momento pude perceber que elas se reconheciam porém, criaram uma fantasia dentro de sua realidade.

Outra atividade que gerou na prática essa brecha entre a fantasia e a realidade foi a atividade no qual eles fizeram um autorretrato no formato de figurinhas, a maioria das crianças se desenharam como sendo jogadores de futebol, visto que estava na época da copa e eles quiseram fazer como se fosse as figurinhas da copa do mundo. Ao indagar algumas crianças sobre o que havia desenhado, eles diziam “sou eu sendo um jogador de futebol”.

É na prática que se torna claro a diferença da personalidade e da identidade, nesse tempo que fiz o estágio pude perceber que, a personalidade vem acarretada juntamente com a criança e pouco se é modificado, e já a identidade está em constante mudanças e aperfeiçoamentos.

A criança desde pequena já tem sua personalidade formada, já a identidade vem sendo formada diariamente através da convivência da criança com o meio em que se vive e com interações que vivenciam.

Pontuarei agora alguns exemplos que pude vivenciar na prática, a troca de papéis conceituada por Moreno (1975, 1984) e enfatizada por Fonseca Filho (1980) :

Role Taking: Também conhecido como o papel de tomada. Nesta fase a preocupação é com a importância do “Quem eu sou? O que faremos?”. Um exemplo vivenciado na prática foi com crianças de quatro anos de idade no qual apresentariam uma peça de balé. No começo do 2º semestre de 2018 começamos o ensaio e as crianças sabiam que estava assumindo um papel de bailarinas porém, não conseguiam executar os passos com perfeição. Porém, estavam dispostas a aprender e tendo consciência de que iriam conseguir realizar os passos pedidos pela professora de balé. E, uma outra atividade que podemos perceber esse papel, foi na atividade para ser feita em casa com o intuito de descobrirem o significado dos seus nomes. Todos sabiam como se chamavam, porém, não sabiam explicar o porquê de ter o seu nome.

Role Playing: Também conhecida como criação de papéis. Nesta fase há um reconhecimento do Eu e do Tu. Voltando ao assunto da apresentação de balé e da atividade sobre o surgimento do nome da cada criança, percebi a presença do role

playing quando as meninas já sabiam identificar os passos do balé e quando foi montada a apresentação, cada uma conseguia identificar o seu papel dentro da apresentação e fazer com facilidade o que lhe foi atribuído. Além de conseguirem identificar o seu animal na peça de apresentação, conseguiam identificar o das colegas (momento de reconhecimento do eu e do tu). Foi gratificante poder vivenciar esse crescimento e troca de papéis das crianças. Já na atividade sobre o surgimento de seus nomes, teve um momento na rodinha no qual, todos contaram como foi a experiência de descobrir com seus pais o surgimento de seus nomes e poder compartilhar com os colegas. As crianças assumiram o papel do role playing no momento em que todos souberam a descoberta de seus nomes e sabiam também, a dos colegas.

Outra atividade que é percebido essa troca de papéis (*role taking* para *role playing*) é o momento que a criança se olha no espelho, se identifica e consegue se desenhar da forma em que se vê refletida pelo espelho. E é sempre uma atividade no qual, crianças dessa faixa etária (cinco anos de idade) se interessam em realizar.

Com crianças de seis anos de idade da Escola Parque da 308 sul, na atividade sobre a formação do documento de identidade, as crianças assumiram o papel de *role taking* no momento em que preencheram os campos dizendo nome completo, nome dos pais e data de nascimento no qual seria o questionamento “Quem sou eu?” E logo em seguida, assumiram o papel de *role playing* quando começaram a discutir em sala de aula sobre o que cada um gostava de fazer e como se identificavam.

Não consegui identificar o papel de *role creating* pelo o fato da idade das crianças não ser condizente com a condição de criarem outros papéis e de assumirem como pertencentes dessa função.

Visto que, Fonseca Filho (1980) propôs uma reorganização das fases da teoria da matriz de identidade (MORENO, 1975), citarei alguns exemplos no qual as crianças que acompanhei conseguiram desenvolver.

Indiferenciação: Essa é uma fase no qual todos nós já presenciamos, é a fase em que a criança é totalmente dependente da mãe. Então, se a criança sente fome a mãe dá o alimento, quando está com sono chora para que a mãe lhe coloque para dormir. É uma fase em que a criança se identifica como sendo pertencente à sua mãe e que ambas são apenas um.

Simbiose: As crianças conseguem se reconhecer e até assumir papel de outros. Um exemplo é, tinha uma criança no qual, ela adorava brincar com a troca de papéis no qual ela assumia o papel de professora e me colocava como a aluna dela. Porém, ela entendia que a minha rotina teria que ser igual a dela e surgiam as dúvidas do tipo: “prof, sua mãe te dá banho? Quem te coloca pra dormir?” Então, percebia que ela conseguia entender o meu papel como professora e o dela como aluna porém, quando ela ia brincar com essa troca de papéis, achava que nossas rotinas teriam que ser iguais e não entendia a diferença dos papéis.

Reconhecimento do eu e do tu: Eu adorava perceber essa fase e, como as crianças conseguiam se expressar. É o momento em que ela já consegue expressar seus sentimentos e conversa e brinca consigo mesmo. É o momento onde a criança se

identifica e começa a identificar o outro também e com isso, vem a questão de “Quem é o outro? Como me aproximo dele?”

Em algumas crianças pude perceber a fase do desenvolvimento que Fonseca Filho conceitua como corredor onde a criança cria uma brecha entre a fantasia e a realidade. Um exemplo seria uma criança que pegou um lápis e fez dele um carrinho, ele sabia que aquele objeto era um lápis, porém o fantasiou e tornou dele um carrinho para que ele pudesse brincar.

A leitura psicodramática permitiu o diagnóstico da fase da matriz de identidade em que se encontravam as crianças, assim como o entendimento do porque estavam em tal fase. Estudos futuros, com alunos da mesma idade, podem abordar o tema utilizando o recurso da dramatização dos papéis a fim de se experimentar vivencialmente o que se verbalizou como dificuldade. O *role playing* pode servir como importante ferramenta na construção dos papéis sociais da criança na escola.

REFERÊNCIAS

FONSECA FILHO, J. S. **Psicodrama da Loucura**: correlações entre Buber e Moreno. São Paulo, Ed. Ágora, 1980.

MORENO, Jacob L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975.

MORENO, Jacob L. **O teatro da espontaneidade**. São Paulo: Summus, 1984.

PARR, Todd. **O livro da família**. São Paulo: Panda Books, 2003.

PARR, Todd. **Somos um do outro**. São Paulo: Panda Books, 2009.

PARR, Todd. **O livro dos sentimentos**. São Paulo: Panda Books, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Livro: Somos um do outro.



FONTE: Acervo da autora

APÊNDICE 2

Livro: O livro da família.



FONTE: Acervo da autora

APÊNDICE 3

Livro: O livro dos Sentimentos



FONTE: Acervo da autora

APÊNDICE 4

Autorretrato formato figuras



FONTE: Acervo da autora



FONTE: Acervo da autora

APÊNDICE 5

Confecção de Documento de Identidade



FONTE: Acervo da autora